

João Almino, titular da cadeira 22 da Academia Brasileira de Letras, é um premiado romancista. O seu romance *Ideias Para Onde Passar o Fim do Mundo* (1987) foi indicado ao Prêmio Jabuti e ganhou o Prêmio do Instituto Nacional do Livro (INL) e o Prêmio Candango de Literatura, enquanto *As Cinco Estações do Amor* (2001) conquistou o Prêmio Casa de las Américas de 2003. Para quem gosta de Machado de Assis e já leu *Memorial de Aires*, indicamos a obra de João Almino, *Homem de Papel*, em que o autor evoca Machado de Assis, resgatando o personagem-narrador conselheiro Aires e transportando-o para os dias atuais. Se em *Esaú e Jacó*, de Machado de Assis, o conselheiro Aires está numa trama sobre dois irmãos completamente opostos, que disputam a mesma mulher e defendem regimes políticos contrários (Monarquia e República), em *Homem de Papel* ele ganha protagonismo metamorfoseado em livro, do qual consegue dar escapadelas para o mundo real, regido pela ignorância e estupidez. O exemplar que o abriga pertence à jovem diplomata Flor, trigêmea de Hugo e Miguel, que, assim como os gêmeos de Machado de Assis, estão em eterna rixa política. Teria Flor nascido para atrapalhar a simetria? Ou seria um epicentro de equilíbrio na disputa entre os irmãos? Hélio Guimarães, professor da USP, escreve: “Movendo-se entre a farsa, a paródia, a sátira e a tragicomédia, João Almino aciona com maestria muitas notas do cômico. O humor afasta qualquer sugestão de que o passado fosse muito melhor do que o presente. Continua valendo aqui, como em Machado, a convicção de que ciúmes, traições, medo, orgulho, vaidade até mudam de endereço, mas mantêm o frescor do primeiro pé de alface que nossos ancestrais arrancaram da terra.”



Segue em cartaz, no teatro Poeira, a bela montagem de *Senhor Diretor*. É a primeira adaptação para o teatro do conto homônimo da imortal Lygia Fagundes Telles (1918-2020), vencedora do prêmio Camões e a primeira brasileira a ser indicada para o Nobel de Literatura. Com idealização, adaptação e direção de Silvia Monte, a peça é estrelada por Analu Prestes, atriz com mais de 50 anos de uma carreira premiadíssima. Analu, também responsável pelo cenário e pelo figurino, interpreta a personagem Maria Emília numa adaptação que equilibra o humor e o drama, trazendo reflexões sobre temas atemporais, como solidão, sexualidade, envelhecimento, loucura e morte. No cenário minimalista composto apenas por uma cadeira, a professora aposentada Maria Emília passeia pelas ruas de São Paulo no dia de seu aniversário de 62 anos e se choca ao avistar a capa de uma revista na banca de jornal com um casal seminu enlaçado, estopim para sua indignação com o caos em que vê a sociedade mergulhada. Decide, então, escrever uma carta ao diretor do Jornal da Tarde para expor sua revolta e, à medida em que mentalmente elabora a carta, tem seu pensamento disperso entre recordações e impressões sobre os acontecimentos à sua volta. Teatro Poeira, rua São João Batista, 104, Botafogo, Rio de Janeiro. Terças e quartas às 20h, com ingressos pela plataforma Sympla - bileto.sympla.com.br - até 23 de abril.



→ Analu Prestes como Maria Emília.

A exposição *in Limbo*, mostra individual da artista russa Katerina Kovalena, apresenta grandes instalações confeccionadas com paraquedas no Parque Glória Maria, em Santa Teresa. É parte do projeto "Waiting Zone.Limbo", que começou a ser desenvolvido em 2022 e passou por museus e galerias de Moscou, integrou a 60ª Bienal de Veneza e foi exibido na África (Senegal). Katerina idealizou instalações de grandes proporções dedicadas ao tema "espera", com novos significados adaptados à antiga mansão da mecenas da Belle Époque carioca Laurinda Santos Lobo (1878-1946), que costumava reunir intelectuais e artistas. Katerina dedicou alguns trabalhos recentes ao individual: uma instalação confeccionada com tecido de paraquedas se inspirou na tradicional vestimenta das baianas, bem como a pintura em homenagem ao padroeiro da cidade, São Sebastião. Outras obras estabelecem a conexão entre a Europa e o Brasil, dialogando com a história do próprio casarão de Laurinda, que tanto contribuiu para estabelecer esses vínculos. “O Limbo, o primeiro círculo do Inferno de Dante, não é um lugar de felicidade eterna, mas também não é um lugar de tormento eterno. O paraquedas neste projeto simboliza a imagem da esperança, a imagem de um céu 'portátil' que balança ao sabor do vento”, comenta Katerina. Parque Glória Maria. Rua Murтинho Nobre, 169, Santa Teresa. Visitação: Ter. a dom., 9h/18h. Grátis. Até 31 de maio.



→ Pintura sobre tecido de paraquedas em homenagem ao padroeiro do Rio de Janeiro.

Você Sabia?

Você sabia que o primeiro dramaturgo do Brasil foi o padre José de Anchieta (1534-1597)? Quando chegaram em solo brasileiro e se depararam com a população indígena, os portugueses prontamente começaram a elaborar estratégias de dominação do lugar e, sobretudo, do povo nativo. Assim, com o objetivo de converter a população indígena ao cristianismo, os religiosos utilizaram o teatro como instrumento de doutrinação, no que se chamou de “teatro de catequese”. O formato teatral foi escolhido pois facilitava a apresentação das ideias cristãs, trazidas pelos portugueses. A primeira peça de José de Anchieta foi *O Auto de Santiago* (1564). No século seguinte, ainda abordando temas religiosos, surge um teatro mesclado a festas populares e à encenação da *Via Crucis*. Esses eventos contam com a participação direta do povo. No final de 1807, com a transferência da corte portuguesa para o Brasil, fugindo de Napoleão, o rei Dom João VI, para oferecer entretenimento à corte, traz diversos artistas das artes plásticas, música, dança e teatro. Por decreto, cria teatros para atender à nobreza. Assim, o país passa a receber peças no modelo francês para a diversão da aristocracia, as quais obviamente não refletiam os costumes e a cultura do povo. Em 1838, acontece a encenação de *Antônio José ou O Poeta e a Inquisição*, de Gonçalves de Magalhães. Primeira peça genuinamente de um brasileiro, ela é inserida na vertente do Romantismo e faz parte do gênero dramático. Com objetivos nacionalistas, teve como protagonista o ator carioca João Caetano (1808 - 1863).



→ Tela na cabana de Pindobuçú (1920), de Benedito Calixto, mostra os jesuítas Anchieta e Nóbrega catequizando indígenas.